

# TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE TIJUCAS (SC): O PAPEL DO GRUPO USATI-PORTOBELLO<sup>1</sup>

WALQUÍRIA KRÜGER CORRÊA<sup>2</sup>

LÚCIA H. DE O. GERARDI<sup>3</sup>

## Resumo

Este trabalho se constitui no resumo de parte da tese de doutorado intitulada: “Transformações Sócio-Espaciais no Município de Tijucas(SC): O papel do Grupo USATI-PORTOBELLO”. As autoras focalizam o processo histórico de constituição e consolidação do Complexo Agroindustrial - CAI açucareiro em Tijucas, tomando por base diferentes linhas teóricas como: DELGADO (1985), KAGEYAMA et alii (1990), GRAZIANO DA SILVA (1982) e MÜLLER (1982, 1989). O estudo também focaliza as estratégias de ação utilizadas pela USATI-PORTOBELLO para expandir seu capital no meio rural e as resultantes da modernização na (re)organização sócio-espacial municipal, com ênfase na atividade canavieira.

**Palavras Chaves:** Cana-de-Açúcar, Modernização, Complexo Agroindustrial - CAI, (Re)Organização Sócio-Espacial.

---

<sup>1</sup>Resumo de parte do estudo de caso que compõe a tese de doutorado da primeira autora, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP - Rio Claro, área de Concentração em Organização do Espaço, 1996.

<sup>2</sup>Departamento de Geociências - Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup>Departamento de Cartografia - IGCE-UNESP, Câmpus de Rio Claro (SP)

## Abstract

### **Social-Spatial Transformations in Tijucas (SC) Municipality: The role of the USATI-PORTOBELLO Group**

This work is constituted of a Doctoral thesis part resume entitled: "Social-Spatial Transformations in Tijucas (SC) Municipality: The role of the USATI-PORTOBELLO Group". The authors focused the historical process of constitution and consolidation of an agro-industrial complex - CAI sugar dealer in Tijucas, based on different theoretical thought lines such as: DELGADO (1985) KAGEYAMA et al. (1990), GRAZIANO DA SILVA (1982) and MÜLLER (1982, 1989). The study also focusses the action strategies used by USATI-PORTOBELLO to widen its stock at the rural environment and the results of the modernization in municipality social-spatial re-organization with emphasis upon sugar cane activities.

**Key Word:** Sugar-cane, Modernization, Agro-Industrial Complex - CAI, Social-Spatial Re-organization

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo analisar o processo de constituição do Complexo Agroindustrial - CAI açucareiro, sua dinâmica de desenvolvimento, o papel do Estado e as implicações da modernização da atividade canavieira na (re)organização sócio-espacial do município de Tijucas (SC).

De tradição agrícola, desde o início da ocupação até 1989 o município de Tijucas teve na cana-de-açúcar a cultura mais representativa de sua economia. Até o começo dos anos quarenta, a cana era transformada em açúcar grosso e cachaça nos numerosos engenhos e alambiques artesanais existentes no seu território. Todavia, desde a década de trinta algumas medidas políticas impostas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA provocaram insatisfações entre os produtores rurais. No final da mesma década a economia de Tijucas era ainda afetada por outros problemas que prejudicavam o desenvolvimento urbano.

Nessas circunstâncias, o contexto econômico e social de Tijucas apresentava-se favorável à instalação de uma agroindústria açucareira de grande porte e o idealizador do projeto foi o Sr. Valério Theodoro Gomes, comerciante experiente e líder político local.

Com o respaldo político do IAA, foi instalada em São João Batista, distrito de Tijucas, a Usina de Açúcar Tijucas S/A, a qual se constituiu na célula mater do Grupo USATI-PORTOBELLO.

Não obstante as dificuldades enfrentadas pela Usina de Açúcar Tijucas S/A no início de suas atividades, o Grupo USATI-PORTOBELLO se expandiu no setor açucareiro, incorporando, através da compra as Usinas Adelaide (1956), São Pedro e Biguaçu (1971), além de instalar de refinarias (1973, 1975) junto a suas unidades industriais.

Num primeiro momento, a instalação da Usina de Açúcar Tijucas S/A não gerou impacto sobre o espaço agrário, nem sobre a organização da produção e relações de trabalho no município de Tijucas, pois os produtores de cana eram seus fornecedores. Mas, na década de 70, com o apoio político e financeiro do Estado, através da modernização o capital penetrou na atividade canavieira e constituiu-se o Complexo Agroindustrial Açucareiro.

A partir daí, em meio a muitas estratégias de ação, o Grupo USATI-PORTOBELLO inseriu-se no mercado de terras e foi gradativamente eliminando os fornecedores, assumindo o próprio Grupo a produção em bases modernas, a matéria-prima (cana) da qual era dependente. O resultado do processo culminou com a desagregação da economia familiar e com a (re)organização sócio-espacial rural, reflexos que também alcançaram o meio urbano de Tijucas.

Portanto, a idéia básica que orientou o desenvolvimento da temática proposta está fundamentada na significativa transformação estrutural ocorrida no setor agropecuário, particularmente na atividade canavieira do município de Tijucas, a partir dos anos setenta. Esse processo foi comandado pelo Grupo USATI-PORTOBELLO, através da Usina de Açúcar Tijucas S/A, com amplo apoio do Estado.

Para alcançar o objetivo proposto foram adotados os pressupostos teóricos de DELGADO (1985), GRAZIANO DA SILVA (1982), KAGEYAMA et alii (1990) e MÜLLER (1982, 1989).

### *Tijucas: Ocupação do espaço e desenvolvimento da economia até 1940*

O município de Tijucas está localizado num vale na região central do litoral catarinense. A sede municipal situa-se entre a latitude de 27°09'04"S e a longitude de 48°34'22"W de Greenwich (figura 1). Conforme divisão adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tijucas integra a microrregião que tem seu próprio nome.

O povoamento de Tijucas e de todo o vale onde está situado começou no século XVIII, com a fundação de uma povoação na Enseada das Garoupas, atual

município de Porto Belo. Os primeiros imigrantes, casais açorianos, chegaram a Tijucas em 1775 e se fixaram na sede do município, dando início à agricultura e às agromanufaturas de açúcar, arroz, mandioca etc. Também exploraram madeira e pesca, atividades comuns nos primeiros núcleos fundados no litoral de Santa Catarina.

Até a segunda metade do século XIX, poucos núcleos coloniais haviam sido fundados no Vale do Rio Tijucas, destacando-se: São João Batista (1834) e Colônia Nova Itália (1836) em São João Batista, Ribeirão Alferes (1836) em Nova Trento, Colônia Nacional Flor da Silva (1843) em Canelinha, cujos territórios pertenciam a Tijucas<sup>4</sup>.

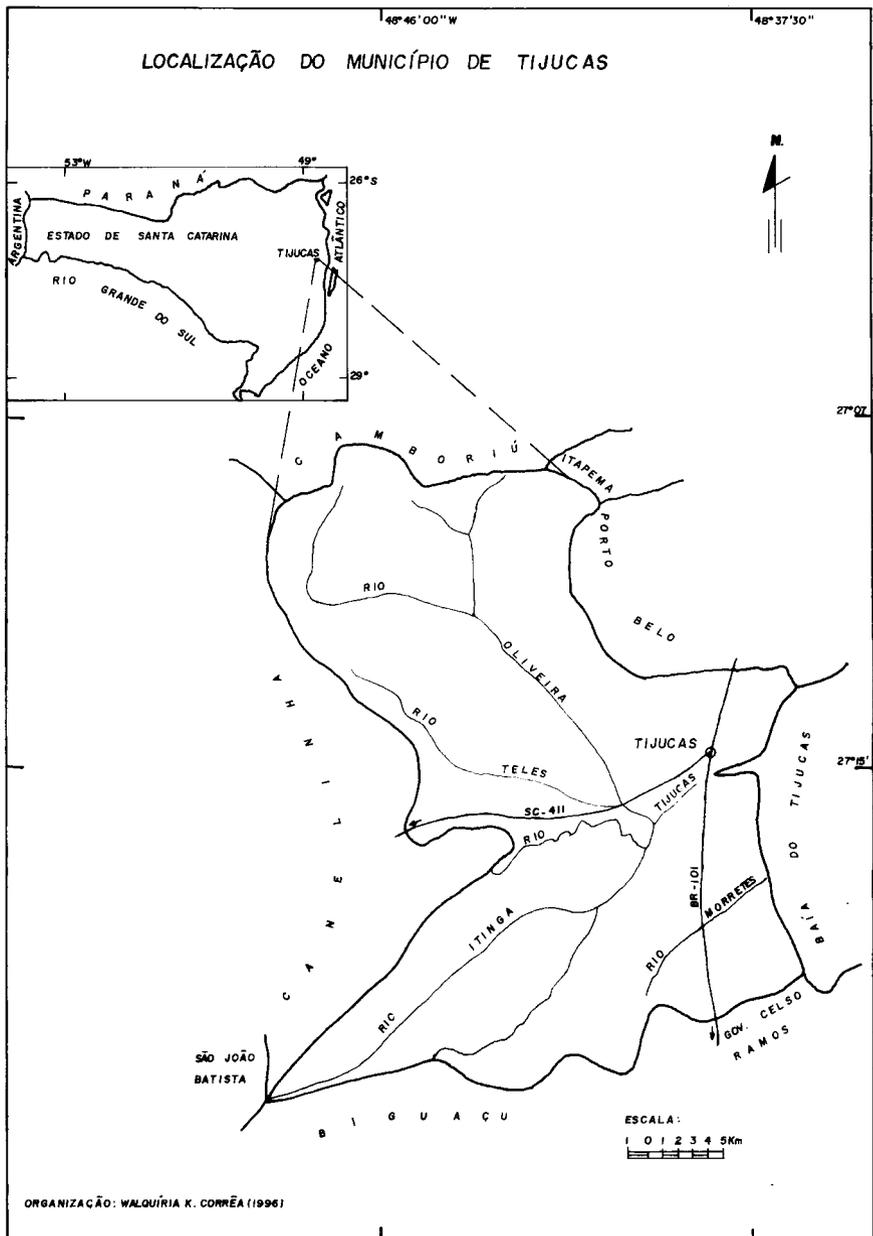
Não obstante o favorecimento das condições climáticas e pedológicas no Vale do Rio Tijucas para as práticas agrícolas temporárias, muitas dificuldades foram enfrentadas pelos primeiros colonizadores, tais como ataques freqüentes dos indígenas (bugres), geadas ocasionais e enchentes periódicas. Além disso, o único canal de comunicação e via de transporte de que dispunha a população do interior era o rio Tijucas, por onde circulavam embarcações tipo canoas com diminuta capacidade de carga.

Nos primeiros tempos da colonização, o inexpressivo contingente populacional que habitava o hinterland possuía poucos recursos financeiros, resentindo-se da falta de investimentos governamentais em infra-estrutura, característica comum praticamente todas as colônias fundadas em Santa Catarina até aquele momento. Justificavam a ocupação territorial apenas os interesses estratégicos da Metrópole portuguesa, ou seja, povoar para dominar. Por todos esses motivos, durante quase um século a economia de Tijucas e de todo o território catarinense se manteve em “moldes de subsistência”, com poucos excedentes para o mercado.

Após 1870, o Vale do Rio Tijucas, principalmente Nova Trento, recebeu forte incremento demográfico de origem italiana que influenciou positivamente no desenvolvimento da economia municipal, expresso pela diversificação de atividades agrícolas e agromanufatureiras, com geração de excedentes comercializáveis. Contudo, aquela população não enfrentou menos obstáculos que os açorianos estabelecidos no período anterior e a principal dificuldade relacionava-se ao transporte das mercadorias. Estradas praticamente inexistiam e os moradores do Alto Tijucas só tinham o rio para escoamento da produção. A sede do município abrigava o porto e comerciantes vinculados ao comércio de importação-exportação em desenvolvimento na costa catarinense se encarregavam da comercialização dos produtos agrícolas. Mas, segundo PIAZZA (1976: 56), os gêneros do interior muitas vezes ficavam semanas inteiras expostos ao sol, perdendo qualidade ou deteriorando-se

---

<sup>4</sup> No decorrer do tempo, Tijucas reduziu seu território dando origem a outros municípios: Nova Trento (1892); São João Batista (1958) e Canelinha (1962).



diante das precárias condições da barra do rio, que impediam a entrada e a saída de embarcações.

A economia do Vale do Rio Tijucas girava predominantemente em torno do porto. A sede do município ocupava posição geográfica privilegiada no litoral de Santa Catarina, localizando-se na “porta de entrada” da região funcionando como base de apoio para a população do interior. Da mesma forma que em outras áreas de colonização do Estado de Santa Catarina, os comerciantes de Tijucas lideravam o desenvolvimento da economia local, através do sistema importação-exportação.

Conforme mostra a história, no final do século XIX destacaram-se como comerciantes em Tijucas: João Bayer (brasileiro), Gallotti (italiano) e Cherem (libanês). O sistema comercial funcionava na base do troca-troca. Como alguém disse,

*“João Bayer de Tijucas comprava tudo. Eu acho que um vale como este nunca existiu. Traziam para cá um pouco de sal e um pouco de querosene e todas as segundas-feiras partiam para Tijucas 30 canoas de ovos, arroz, mandioca, um pouco de tudo. Os negociantes estrangulavam a gente; eram analfabetos (os camponeses), faziam o que os negociantes queriam. Enfaixavam-nos como se enfaixa uma criança. Aqui era difícil vender os próprios produtos, não valia nada, todos tinham”* (GROSSELLI, 1987: 387-388).

A produção colonial era adquirida a preços baixos, em troca dos produtos manufaturados e dos artigos não produzidos, a preços altos. Isto certamente permitiu aos comerciantes de Tijucas acumular algum capital, com o controle que exerciam sobre a população do interior. Contudo, as dificuldades enfrentadas com o assoreamento da barra do rio Tijucas para escoamento da produção inviabilizavam a transferência de recursos para a formação de uma base industrial, tal como ocorreu nas colônias alemãs (Blumenau, Brusque e Joinville) que se desenvolveram em Santa Catarina.

Na década de trinta, Tijucas alcançou seu apogeu, ostentando estrutura de “cidade grande” e políticos notáveis que surgiram da burguesia comercial. Já possuía luz elétrica e razoáveis estradas ligavam a sede do município ao hinterland. Passava pelo município a estrada que interligava Florianópolis e Itajaí, atual BR-101. Mas, apesar da melhoria da infra-estrutura viária, a maior parte da exportação municipal se escoava pelo porto, cujo assoreamento intensificava-se dia a dia, dificultando a entrada e a saída das embarcações que demandavam aos portos de Santos (SP) e Rio de Janeiro.

Não obstante o desenvolvimento econômico alcançado, em 1940 uma determinação da marinha mercante regulamentando capitânicas e portes feriu profundamente a cidade de Tijucas. A atividade portuária cessou repentinamente, deixando sem emprego a maior parte da população ativa de Tijucas, constituída principalmente por marinheiros. Com o desaparecimento do transporte marítimo.

*“a cidade quase se despovoou. As pessoas de outras atividades, principalmente as de serviços locais, começaram a se retirar, até o ponto em que se fez sentir a reação do núcleo. Ainda que a exportação fosse a principal atividade da cidade, não era a única. Independente dela, Tijucas era o lugar central de sua região rural, cuja população adquiria, na cidade, bens e serviços” (PELUSO JR., 1991: 344).*

Além das dificuldades que prejudicavam o desenvolvimento urbano, ressaltase-se que, desde a década de trinta, o meio rural do Vale do Rio Tijucas, com expressivo número de engenhos de açúcar mascavo, foi atingido pela política do Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA que visava regulamentar a produção açucareira no país, através do controle de preços e das quotas de produção. Analfabetos, os produtores de cana e donos de engenhos açucareiros de Tijucas enfrentaram muitas dificuldades e insatisfações para se adaptar àquelas normas.

A decadência da cidade de Tijucas, associada às dificuldades enfrentadas pelos produtores de cana no meio rural favoreceram a instalação de uma agroindústria de açúcar de “grande porte”, a qual teve como principal fundador o Sr. Valério Gomes.

## **2. A INSERÇÃO DA FAMÍLIA GOMES NA ATIVIDADE AÇUCAREIRA: A USINA DE AÇÚCAR TIJUCAS S/A**

Ex-vendedor no comércio de importação-exportação do Sr. Benjamin Gallotti, em Tijucas, em 1928, o Sr. Valério Theodoro Gomes montou seu próprio negócio, iniciando com uma loja de armarinho, roupas, tecidos e calçados, produtos adquiridos da firma Hoepcke, sediada em Florianópolis. Posteriormente, envolveu-se com atividades de beneficiamento de arroz e comércio de produtos agrícolas. Por ser proprietário de barco, o Sr. Valério também vinculou-se ao comércio de importação-exportação. Além de Florianópolis ele fazia intercâmbio comercial com Santos (SP) e Rio de Janeiro, para onde transportava: madeiras serradas, cereais, café, mel e cera de abelha, farinha de mandioca e açúcar mascavo. O comerciante era também agente geral da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira no Estado de Santa Catarina.

Muitos fatores influenciaram a vida comercial do Sr. Valério Gomes. Segundo seus filhos, alguns devem ser destacados: “facilidade para comprar diante do conhecimento que tinha dos produtos, amizades, crédito junto aos agricultores etc.”, cuja base fora adquirida durante sua permanência no comércio de Gallotti. Como todo comerciante bem-sucedido, o Sr. Valério também se envolveu com a política,

administrando a prefeitura de Tijucas<sup>5</sup> de 1938 a 1941. Líder político, o comerciante preocupava-se com a decadência do município, como bem ilustra depoimento de sua filha (M.A.G.V.):

*“meu pai sempre sonhou muito alto e como homem sonhador ele falava na construção de uma grande usina para produzir açúcar. A idéia de meu pai nasceu porque houve uma indústria de açúcar em Tijucas (Usina São Sebastião) que pertenceu ao Dr. Antero de Assis e que não chegou a funcionar direito... Ele imaginava que a montagem de uma usina no Vale ia dar certo, já que muita gente plantava cana”.*

O contexto geral do país, e de Tijucas em particular, se apresentava favorável a instalação de uma agroindústria açucareira e atendia as exigências do IAA, preconizadas no Decreto Lei nº 1.546, de 29/08/1939, e do Estatuto da Lavoura Canavieira, Decreto nº 3.855, de 21/11/1941.

Em meio a muitos “conchavos políticos” em Tijucas, reuniram-se as quotas de produção exigidas pelo IAA. O envolvimento do Sr. Valério Gomes naquele processo é lembrado por sua filha (M.A.G.V.):

*“Meu pai era um homem de confiança e muito honesto. O pessoal de Tijucas reconhecia sua honestidade. Como prefeito e chefe político, ele conseguiu induzir os agricultores a fazer um abaixo-assinado, solicitando a instalação da usina. Conseguiu também dos produtores de açúcar mascavo que possuíam quotas de produção registradas no IAA e que já tinham deixado de plantar cana há muito tempo, a autorização para sua utilização. Meu pai ia à coletoria, revalidava, pagava... juntando com isso as quotas exigidas pelo IAA”.*

Após ser comprovada, in loco, a viabilidade técnica de execução do projeto, o distrito de São João Batista, na época um dos maiores produtores de cana da região e com maior número de engenhos, foi eleito o centro geográfico para instalação da agroindústria açucareira pelos técnicos do IAA, que autorizou a instalação da usina. Em 23/05/1944 firmou-se a sociedade com a razão social de Usina de Açúcar Tijucas S/A, a qual se constituiu na primeira empresa do Grupo USATI-PORTOBELLO. Muito embora houvesse sócios com maior número de quotas de participação acionária, o Sr. Valério Gomes foi eleito o presidente, não só por ter sido o idealizador do empreendimento, mas também pela sua experiência comercial e relacionamento político externo.

Em 1946 começou a funcionar a Usina de Açúcar Tijucas S/A, produzindo, na primeira safra 6.000 sacas de 50 kg de açúcar cristal. A instalação da Usina

---

<sup>5</sup> Em 1961, o Sr. Valério Gomes foi eleito deputado estadual.

constituiu-se em um marco histórico para o município de Tijucas, provocando o desaparecimento dos antigos engenhos artesanais. Porém, para os produtores de cana, a extinção dos engenhos não foi traumática.

*“não houve a expropriação imediata da terra ..., pois a Usina... absorveu toda a produção local da cana; os colonos justificaram ideologicamente a situação, ressaltando as vantagens de não precisarem fazer o trabalho de engenho e, ao mesmo tempo, poderem plantar mais cana, o que resultaria em pagamento em dinheiro” (GRAMKOW, 1983: 110).*

A Usina de Açúcar Tijucas S/A passou por muitas dificuldades e crises financeiras periódicas<sup>6</sup>, atribuídas à soma de muitos fatores e alguns merecem ser destacados. A princípio, ela enfrentou forte obstáculo para colocar a produção no mercado diante da tradição dos comerciantes catarinenses em adquirir o açúcar nordestino. Além disso, a usina funcionava apenas seis meses por ano e os empregados deviam ser mantidos. Vez por outra, ocorriam geadas que matavam os canaviais, provocando falta de matéria-prima e enchentes dramáticas que aconteciam normalmente quando os depósitos estavam cheios de açúcar. O maquinário velho da usina quebrava com frequência, provocando outros embaraços. Se já não bastassem tais dificuldades, alguns fornecedores de matéria-prima, desestimulados com os baixos preços, começaram a abandonar o cultivo da cana, buscando alternativas que apresentassem mais rendimento, como arroz, feijão e outros que davam mais de uma safra anual. Essas desistências limitavam o fornecimento de matéria-prima, gerando problemas à agroindústria açucareira catarinense. Neste elenco de fatores negativos, segundo M.A.G.V., *“houve períodos em que a fabricação do açúcar deu prejuízos, não compensando o investimento, justificando a desistência gradativa dos sócios iniciais...”*

### **3. USATI-PORTOBELLO: ESTADO, ESTRATÉGIAS EMPRESARIAIS, FORMAÇÃO DO CAI E (RE)ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL NO MUNICÍPIO DE TIJUCAS**

No início dos anos 50, através do IAA o governo, adotou uma série de medidas político-econômicas para reestruturar o setor açucareiro e alcooleiro do Brasil, iniciando um período de grande competição entre as agroindústrias do gênero. À medida em que foi sendo centralizado, o capital açucareiro se expandiu, exigindo uma (re)organização sócio-espacial na área de sua influência.

---

<sup>6</sup> A família Gomes não se ressentia das crises que a Usina de Açúcar Tijucas S/A enfrentava porque, paralelamente, o Sr. Valério Gomes mantinha outras atividades comerciais.

A Usina de Açúcar Tijucas S/A, até então sob a administração do Sr. Valério Gomes, substituiu a presidência, assumindo em 1951, o Dr. César Gomes<sup>7</sup>. O novo administrador deu prosseguimento às atividades em curso e aproveitando-se dos benefícios concedidos pelo Estado, no decorrer do tempo, ampliou e dinamizou os negócios do pai, permanecendo no cargo até recentemente. Como lembram os irmãos (M.A.G.V. e C.B.G.), “ele tinha facilidade para negociar, foi impondo-se e logo também conseguiu liderança política. Contudo, muitas dificuldades foram enfrentadas”.

Com a ampliação do mercado consumidor nacional e com a melhoria dos preços do açúcar no comércio internacional, através da Resolução nº 501/51 o IAA elevou a quota de produção das usinas de açúcar instaladas no país. A Usina de Açúcar Tijucas S/A também foi beneficiada e, por isto, na safra de 1952/53, além de suprir parte do comércio regional de Santa Catarina, conquistou também parcialmente os mercados do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Por ter baixos custos com o transporte da produção, a Usina de Açúcar Tijucas S/A beneficiava-se com melhores preços que seus concorrentes paulistas ou nordestinos. Por isso, na tentativa de reter os fornecedores, estrategicamente passou a pagar pela tonelada de cana um valor superior ao fixado pelo IAA<sup>8</sup>. Mesmo assim, o preço da cana continuava baixo. Mas como observa o ex-presidente da Empresa (Dr. C.B.G.), “naquela época, após a safra cada agricultor que fechava a conta me levava um saco de laranja, um peru (...), eles ficavam satisfeitos, não supunham que iam receber tanto dinheiro”.

De qualquer forma, a estratégia adotada pela usina não era suficiente para reter os fornecedores. Por isso, contrariando o objetivo inicial, ou seja, consumir cana somente de fornecedores, já no começo da década de 50 o Grupo USATI-PORTOBELLO, representado na área pela Usina de Açúcar Tijucas S/A, iniciou a compra de terras próximas daquela unidade fabril. Essas áreas foram entregues à administradores, que iniciaram o plantio da cana, em 1955, complementando a demanda de matéria-prima requerida pela agroindústria para alcançar a escala de produção determinada pelo IAA.

Em 1956, a Usina de Açúcar Tijucas S/A comprou a Usina de Açúcar Adelaide S/A, localizada em Ilhota, no Vale do Itajaí. A partir daí, as duas maiores agroindústrias açucareiras de Santa Catarina passaram a monopolizar a maior parte das quotas de produção do Estado junto ao IAA. Mesmo assim, a produção açucareira daquelas unidades era insuficiente para atender a demanda do mercado consumidor regional,

---

7 O Dr. César Gomes é filho do Sr. Valério Gomes. Na época, com 21 anos de idade, recém-formado em Direito, era casado com D. Maria Helena Ramos, oriunda de tradicional família política catarinense.

8 Em Santa Catarina o preço da tonelada de cana possuía o mesmo valor que no Estado de São Paulo (Depoimento do usineiro).

muito embora a Usina de Açúcar Adelaide S/A estivesse operando com capacidade ociosa.

Na década de 60, o Brasil voltou a participar intensamente do comércio mundial do açúcar. O principal motivo foi a vitória da revolução socialista em Cuba (1959/60) que provocou o cancelamento da quota de fornecimento do açúcar cubano ao mercado norte-americano. Tal fato refletiu-se no preço do açúcar, cuja alta beneficiou a produção brasileira, ampliando as exportações não só para os EUA, como também para outros países.

Nessa conjuntura, para aproveitar as novas possibilidades de exportação através do IAA, o Estado adotou uma ação mais sistemática e generalizada no setor açucareiro, destacando-se principalmente a ampliação de quotas de produção, financiamento de projetos que visassem melhorar o aproveitamento da terra nas regiões produtoras de cana, incentivos fiscais cuja finalidade era melhorar a produtividade tanto das usinas como dos canaviais, para garantir e regular o abastecimento de matéria-prima às agroindústrias.

Muito embora a Usina de Açúcar Tijucas S/A produzisse açúcar somente para o mercado regional, mesmo com as poucas áreas de terra que possuía, ela também se beneficiou da nova política governamental, fato claramente comprovado no depoimento do usineiro:

*“Nós íamos ao Rio de Janeiro todos os anos e fazíamos financiamento (agrícola e industrial). Na verdade, quem tinha financiamento era altamente beneficiado. Eu não fiz outra coisa a não ser andar atrás daqueles recursos, era meu serviço prioritário ... Era um negócio em que nós ganhávamos dinheiro ... Nunca encontramos dificuldades para reformular o crédito; embora às vezes ocorressem enchentes e geadas, conseguíamos distribuir a perda em dois ou três anos ... O presidente e os diretores do Banco do Brasil sempre foram nossos amigos...”*

Com as facilidades de financiamento, para melhor atender as questões de ordem administrativa das Usinas de Açúcar Tijucas e Adelaide, em 1964 foi instalada a HOLDING em Florianópolis. Segundo DELGADO (1985:163), é de organizações como esta que partem “... as grandes decisões de inversão produtiva e financeira na agricultura”.

No que se refere a parte agrícola, naquele momento a Usina de Açúcar Tijucas S/A, além de introduzir melhorias nas suas poucas unidades adaptou um serviço de assistência para “melhorar” a renda dos fornecedores através do aumento de produtividade da cana. Entretanto, o objetivo maior da empresa era reter o produtor para garantir e regular o abastecimento da matéria-prima. Com tal serviço de assistência, a Usina de Açúcar Tijucas S/A monopolizou o território ocupado predominantemente por fornecedores. Segundo GRAZIANO DA SILVA (1980: 95), eviden-

cia-se aí um processo “... *de como ao capital é permitido submeter a produção sem expropriar completamente os produtores diretos, ou, de modo a não se expropriar a propriedade, mas sim o excedente*”.

No mesmo processo de integração e subordinação encontram-se os produtores de fumo, vinculados às agroindústrias que atuavam no município desde o final dos anos 50. Elas funcionavam como concorrentes da agroindústria açucareira para atrair produtores.

Com a ascensão dos preços do açúcar no mercado externo a partir dos anos 70, o IAA intensificou o processo de planejamento do setor canavieiro no Brasil. Foram adotadas novas medidas políticas e econômicas para o setor visando melhorar a qualidade da matéria-prima (cana) e acabar com a capacidade ociosa da agroindústria açucareira no país. Programas elaborados pelo Instituto, conjugados a benefícios financeiros concedidos pelo Estado a juros baixos, ausência de correção monetária e longo prazo de pagamento exerceram um papel fundamental na ampliação da produção açucareira nacional.

A política de racionalização e modernização do setor açucareiro também alcançou as duas maiores agroindústrias de Santa Catarina - Tijucas e Adelaide que para ampliar a quota de produção junto ao IAA, expandiram-se verticalmente, formando o Grupo USATI<sup>9</sup>.

A partir daí, para enfrentar a concorrência instalada no território nacional, o Grupo USATI-PORTOBELLO substituiu os maquinários antigos de suas agroindústrias por outros modernos, adquirindo também novos aparelhos. Com isso, já em 1973 foi instalada uma refinaria junto à Usina de Açúcar Tijucas S/A, a qual, além de industrializar a produção açucareira local, passou a processar o açúcar demerara<sup>10</sup>, proveniente primeiro de São Paulo, e depois, de Cuba. Utilizando know how inglês, o Grupo USATI-PORTOBELLO tornou-se pioneiro na produção de açúcar refinado granulado na Região Sul do Brasil.

Em 1975, foi instalada outra refinaria junto à Usina de Açúcar Adelaide S/A. No processo, formou-se uma nova empresa - a Refinadora Catarinense S/A. Com isso, o Grupo USATI-PORTOBELLO abandonou o mercado regional e por intermédio do IAA, seu único cliente, passou a exportar para o mercado externo todo o açúcar produzido pela Refinadora Catarinense S/A.

A ampliação da capacidade de produção da Usina de Açúcar Tijucas S/A foi conjugada a diminuição do número de fornecedores autônomos. Nesse contexto, o

<sup>9</sup> Em 1971 foram adquiridas por compra a Companhia Açucareira Biguaçu S/A, localizada no município do mesmo nome, e a Usina São Pedro, em Gaspar, que estavam desativadas. A primeira foi incorporada a Usina de Açúcar Tijucas S/A e a segunda, à Adelaide.

<sup>10</sup> Açúcar demerara: açúcar amarelado, constituído por cristais e largamente exportado pelas usinas.

Grupo USATI-PORTOBELLO lançou-se definitivamente no mercado das terras próximo de suas propriedades originais em São João Batista e organizou unidades produtivas de cana-de-açúcar. A partir de 1975 os canaviais da agroindústria alcançaram notável produtividade em função da utilização de insumos e de maquinários modernos, diversificação de mudas de cana etc. Além disso, para reter o produtor de cana pelo menos temporariamente, estrategicamente a usina ampliou o serviço de assistência a seus fornecedores.

A intensificação das relações entre atividade canavieira e setores industriais a montante (indústria produtora de maquinários e insumos modernos) e a jusante (agroindústria processadora), resultou na plena constituição e na “consolidação” do Complexo Agroindustrial - CAI açucareiro no Vale do Rio Tijucas.

O Estado teve papel fundamental no processo. Através de recursos financeiros do tesouro público o governo concedeu créditos altamente subsidiados, viabilizando o consumo dos bens modernos de produção. Desse modo, em Tijucas, através da agroindústria açucareira, a atividade canavieira se beneficiou com dois tipos de financiamento: os créditos especiais do IAA e os recursos financeiros do Sistema Nacional de Crédito Rural - SNCR, instituído em 1965.

Por estar vinculada à Usina de Açúcar Tijucas S/A, a categoria de fornecedores de matéria-prima também teve acesso ao crédito e se integrou ao CAI. Mas, segundo DELGADO (1985: 181), tal associação caracterizou-se apenas pelos “nexos” de integração técnica com o CAI.

Embora os fornecedores se tenham vinculado tecnicamente ao CAI, muitos produtores foram “desistindo” da atividade canavieira, devido principalmente ao baixo preço recebido pela tonelada de cana. À medida que a desistência foi concretizando-se, o Grupo USATI-PORTOBELLO acentuou os investimentos no mercado de terras, alcançando Canelinha e Tijucas propriamente. Posteriormente, tal expansão também atingiu os municípios de Governador Celso Ramos e Biguaçu.

A aquisição de terras pela USATI-PORTOBELLO, em Tijucas, ocorreu no intervalo de 1977 a 1987. Nesse período, como mostra a figura 2, foram adquiridos 1.209 ha de terra. O grupo comprou terras em diferentes pontos do município, adquirindo glebas grandes, e ao redor destas também as pequenas. Nas localidades de Sul do Rio (323,66 ha), Morretes (182,19 ha) e Terra Nova (154,02 ha) a terra se apresenta mais concentrada. Tais números bastam para evidenciar que houve uma substancial (re)organização na estrutura fundiária municipal.

A aquisição de terras pela USATI-PORTOBELLO em Tijucas não aconteceu por acaso. A maior parte da área agrícola do município se localizava na várzea. O território não era drenado e com frequência era atingido por inundações. Esporadicamente também ocorriam geadas, criando outras dificuldades para os produtores rurais. Além disso, ao aderir à “onda modernizante” da atividade canavieira, os

produtores contraíram dívidas bancárias e isto está claramente expressado no depoimento de um ex-fornecedor de cana para a Usina de Açúcar Tijucas S/A:

*“... muitos colonos haviam contraído empréstimos bancários e com dificuldades de saldar os compromissos viram-se obrigados a vender a terra que possuíam. A USATI ia atrás daqueles que tavam pendurado no banco ... ela fazia o oferecimento ... Na época, três bois dava pra comprá um hectare de terra ... alguns venderam por muito menos...”*

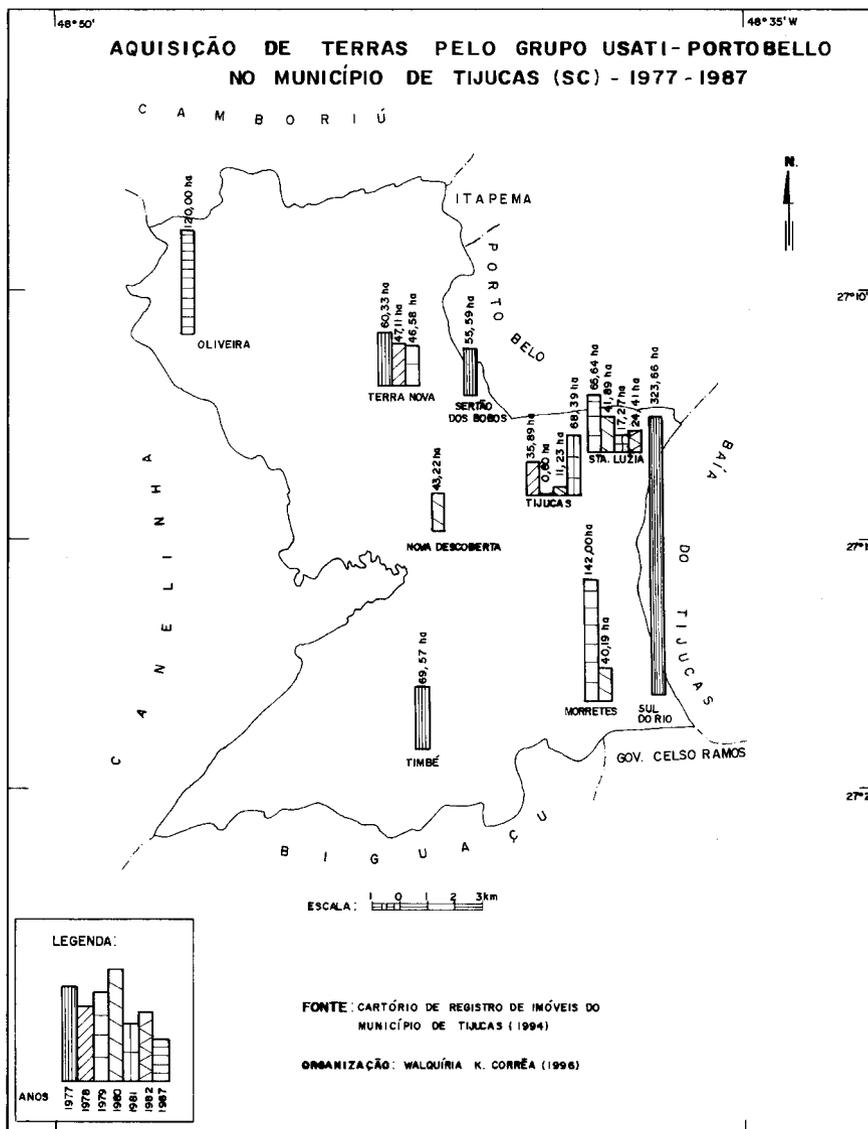
À medida que o Grupo USATI-PORTOBELLO adquiria terras, o capital transformava parte do território de Tijucas. Novas unidades produtivas de cana foram organizadas em bases modernas e as esferas agrícola e industrial gradativamente passaram a ser dominadas pelo mesmo capital. Naquelas unidades também ocorreu a diversificação de atividades com a introdução de gado bovino para corte e com o reflorestamento (eucalipto) as quais já vinham sendo praticadas nas propriedades antigas do Grupo empresarial em São João Batista. Esta pode ter sido mais uma estratégia da USATI-PORTOBELLO para obter benefícios financeiros e incentivos fiscais das políticas generosas do Estado brasileiro.

Mesmo com a retração do SNCR (final da década de 70 e início da de 80), intensificou-se a modernização da atividade canavieira em Tijucas, e as transformações na base técnica refletiram-se nas relações de trabalho. O emprego maciço de mão-de-obra assalariada marcou em definitivo a expansão do capital no segmento canavieiro. Mas, a mão-de-obra familiar continuou predominando no meio rural do município.

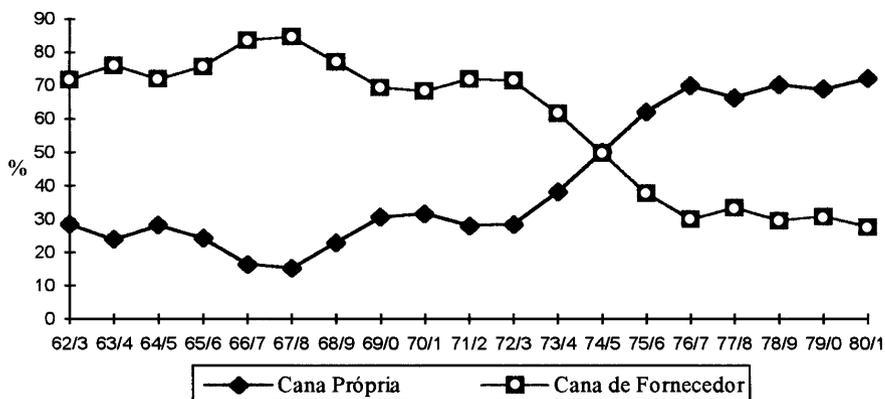
Com as transformações definitivas na base técnica e nas relações de trabalho da atividade canavieira do município de Tijucas, consolidou-se o Complexo Agroindustrial Açucareiro. Ao longo do processo, usando a expressão de MÜLLER (1982: 111) pode-se dizer que a modernização provocou *“uma verdadeira revolução agrária”*. Mas é DELGADO (1985: 12), quem coloca a questão nos devidos termos:

*“... a ‘modernização conservadora’ avançou como um caudal, erodindo barreiras, destruindo estruturas produtivas primitivas, concentrando os frutos do processo técnico, num movimento de profunda e historicamente acelerada rejeição do contingente primitivo de população rural”.*

O processo de eliminação dos fornecedores em Tijucas e o fortalecimento capitalista do Grupo USATI-PORTOBELLO pode ser observado na figura 3, que mostra dois movimentos distintos. Primeiramente, constata-se que até a safra de 73/74, em média 70% da cana processada pela Usina de Açúcar Tijucas S/A provinha de fornecedores autônomos. Contudo, mesmo com as transformações operadas na base técnica produtiva, a partir da safra seguinte diminuiu gradualmente a participação da categoria no suprimento de matéria-prima agroindustrial.



**FIGURA 3 - Usina de Açúcar Tijuca S/A: evolução do consumo de cana: própria e de fornecedores, safras 1962/63 - 1980/81 (%)**



FONTE: Dados brutos obtidos de GRAMKOW (1983: 48)

Organizado por Walquíria Krüger Corrêa (1996)

O segundo movimento revela que, paralelamente ao processo de desistência dos fornecedores, a Usina de Açúcar Tijuca S/A passou a consumir cada vez mais matéria-prima própria, até que na safra de 80/81 reverteu-se à situação anterior: 72,23% da cana processada pela agroindústria provinha de suas próprias unidades agrícolas e apenas 27,67% dos fornecedores. Como diz GRAZIANO NETO (1986: 60), cada pequeno sítio que foi incorporado pelos usineiros significou um decréscimo na produção de arroz, feijão, mandioca, leite e outros derivados.

Ressalte-se que na época em que o Grupo USATI-PORTOBELLO intensificou o serviço de assistência ao fornecedor no Vale do Rio Tijuca, estrategicamente reduziu o diferencial de preço da matéria-prima que pagava a mais ao produtor, em relação ao valor estipulado pelo IAA. Dentre outros motivos que contribuíram para a adoção daquela medida devem ser destacados: as modificações na economia brasileira e a transformação do perfil empresarial do referido Grupo a partir da instalação das refinarias, o que lhe possibilitou conquistar o mercado internacional. Além disso, com a melhoria do transporte rodoviário (construção da BR-101), o custo do frete foi rebaixado e por isso, segundo o usineiro, o Grupo USATI-PORTOBELLO “já não tinha mais aquele diferencial de preço para contemplar o agricultor...”.

Em 1982 foi extinta a categoria fornecedor em Tijuca e eles não perceberam o real interesse da agroindústria açucareira em eliminá-los. No processo, os produ-

tores que resistiram à expropriação capitalista tiveram de encontrar, no meio rural, outras formas de sobrevivência. Para muitos, a opção foi a atividade fumageira, muito embora os produtores de fumo também fossem subordinados ao capital.

As transformações operadas no meio rural de Tijucas, e de modo particular na atividade canavieira, no que se refere a estrutura fundiária, uso da terra, base tecnológica produtiva e relações de trabalho, cujo processo foi conduzido pela USATI-PORTOBELLO, refletiram-se no meio urbano do município. Nesse processo, os espaços rural e urbano foram unificados, subordinando-se ambos ao capital.

Também contribuiu para a urbanização do município de Tijucas a revitalização da economia com a expansão de alguns estabelecimentos industriais de constituição antiga de pequeno porte, destacando-se os setores de produtos alimentares (doces em pasta, balas e pescados), calçados e minerais não metálicos (telhas e tijolos). Com a urbanização do Estado de Santa Catarina, aqueles setores também tiveram o mercado ampliado, favorecidos pela melhoria da infra-estrutura viária.

Não obstante a importância do desenvolvimento dos setores anteriormente referidos para a urbanização de Tijucas, ressalte-se que no processo de expansão do capital, em 1979 o Grupo USATI-PORTOBELLO instalou no município uma indústria de revestimentos - a Cerâmica Portobello S/A, diversificação que resultou na constituição do Grupo USATI-PORTOBELLO.

Na época, para Tijucas a nova unidade fabril, a Cerâmica Portobello S/A, era uma empresa de grande porte, já iniciando com 302 empregados. A partir daí ela foi sistematicamente ampliando a capacidade de produção e, em conseqüência, também o número de trabalhadores. Segundo depoimento de D.C.P., *“foi a cerâmica Portobello que deu vida a Tijucas, veio o progresso ... ela emprega muita gente...”*.

Apesar das transformações sócio-espaciais e econômicas desencadeadas pelo Grupo USATI-PORTOBELLO nos meios rural e urbano de Tijucas, no final dos anos 80 mudanças na economia brasileira extinguíram o IAA, passando a funcionar livremente o mercado de açúcar. Muito embora o Grupo dispusesse de terras para produção de cana-de-açúcar, as glebas eram pequenas, dificultando a competição com a produção das usinas paulistas.

Em função das mudanças político-econômicas do país, os dirigentes do Grupo USATI-PORTOBELLO avaliaram a situação de suas unidades, concluindo que possuíam poucas áreas de terra. Além disso, em suas unidades industriais, uma tonelada de cana rendia em média 86 kg de açúcar. No Estado de São Paulo as fazendas eram maiores, produzindo em média 130 kg de açúcar por tonelada de cana. Na concepção empresarial, a produção catarinense de cana para fins industriais era antieconômica. Sobre a questão, o usineiro (Dr. C.G.) argumenta: *“... ficamos na mesma situação de nossos ex-fornecedores, nos tornamos vítimas do progresso de São Paulo”*.

A partir daí inicia-se um novo momento no desenvolvimento econômico do Grupo USATI-PORTOBELLO, marcado pela racionalização e redirecionamento das atividades açucareiras; pelo início de atividades no setor imobiliário; pela modernização e expansão da cerâmica.

Para enfrentar a concorrência que se instalou na comercialização do açúcar, o Grupo USATI-PORTOBELLO implantou algumas mudanças no setor açucareiro. No processo, já em 1989 desativou a Usina de Açúcar Tijucas S/A e a Refinaria de São João Batista, paralisando também a atividade canavieira na área de sua influência. Desse modo, dissolveu-se o CAI açucareiro no município de Tijucas.

Em contrapartida, em Ilhota, num primeiro momento a Usina de Açúcar Adelaide S/A e a unidade de refino foram mantidas. O equipamento da refinaria foi modernizado para produzir um tipo de açúcar que atendesse também o mercado brasileiro. Em 1994, a Usina de Açúcar e de Álcool Adelaide S/A foi desativada e, no setor açucareiro, as atividades do Grupo USATI-PORTOBELLO concentraram-se apenas na área do refino, destacando-se os seguintes tipos: granulado, amorfo, cristal e quartzo.

Além disso o Grupo USATI-PORTOBELLO também se expandiu em outros setores como: cerâmico; agropecuário - cultivo de maçãs (em Fraiburgo), gado bovino (em Tijucas); comércio; transporte e armazenagem, serviço de despacho aduaneiro; construção civil; empreendimentos imobiliários e turísticos, dentre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor agropecuário do município de Tijucas passou por significativa transformação estrutural nas últimas décadas, decorrente da modernização da atividade canavieira que culminou com a constituição do Complexo Agroindustrial - CAI Açucareiro.

Na área objeto de estudo, o CAI teve uma dinâmica específica de desenvolvimento, determinada basicamente pelas estratégias de ação utilizadas pelo Grupo USATI-PORTOBELLO, representado pela Usina de Açúcar Tijucas S/A. Com o amplo apoio político e financeiro do Estado, a referida agroindústria foi o elemento dinâmico no CAI. Nos termos de KAGEYAMA et alii (1990: 122), a indústria comandou “*a direção, as formas e o ritmo das mudanças*” na atividade canavieira de Tijucas e em outras áreas de sua influência.

Muito embora num primeiro momento os fornecedores de cana se tenham vinculado tecnicamente ao CAI, eles não se associaram ao capital da Usina de Açúcar Tijucas S/A. Já no início dos anos 70, o Grupo USATI-PORTOBELLO inse-

riu-se definitivamente no mercado de terras e organizou unidades produtivas em bases modernas. No processo os fornecedores foram eliminados ou expropriados, o que resultou na (re)organização sócio-espacial rural, expresso por mudanças estruturais na atividade canavieira: estrutura fundiária, uso da terra, base tecnológica e relações de trabalho.

Com a desagregação da economia familiar em Tijucas, os ex-fornecedores de cana vinculados à Usina de Açúcar Tijucas S/A que resistiram a expropriação capitalista tiveram de encontrar no meio rural novas alternativas de sobrevivência e muitos se dedicaram à atividade fumageira. Embora os produtores de fumo tenham permanecido subordinados à indústria integradora, não foram eliminados pelo capital.

As transformações estruturais do setor agropecuário, decorrentes da modernização das atividades canavieira e fumageira, refletiram-se no urbano do município de Tijucas, atribuindo novas funções à cidade.

Não obstante as transformações rurais e urbanas que se processaram no município de Tijucas no bojo da “crise” da economia brasileira, que também afetou o setor açucareiro no final da década de 80, o Grupo USATI-PORTOBELLO adotou algumas medidas de ação: diversificou os tipos de açúcar e voltou-se parcialmente para o mercado interno. Além disso, em 1989 reavaliou a situação produtiva de suas unidades agrícola e industrial; comparou-as com o progresso das atividades em São Paulo, concluindo que *“a produção de cana é inviável em Santa Catarina, o Estado possui apenas mercado para o açúcar”*. Nessa perspectiva, para enfrentar a concorrência, o Grupo estrategicamente desativou a usina e a refinadora em São João Batista, paralisando também a atividade canavieira na área de sua influência, desfazendo assim o CAI açucareiro em Tijucas.

Posteriormente, a mesma estratégia foi adotada em Ilhota. Porém, lá a refinaria foi mantida, ampliada e modernizada. A manutenção daquela unidade se justifica porque o refino do açúcar sempre foi o “carro chefe” dos negócios do Grupo USATI-PORTOBELLO. Além disso, a proximidade do porto de Itajaí facilita tanto a entrada da matéria-prima (açúcar cristal proveniente de São Paulo e de Cuba), como o escoamento da produção para o mercado internacional.

Através de (re)engenharias empresariais e com o apoio tutelar do Estado, o Grupo USATI-PORTOBELLO adaptou-se às mudanças da economia brasileira, expandindo-se também em outros setores. Atualmente, suas empresas estão sendo gerenciadas pela terceira geração da família Gomes, e a expansão capitalista como tendência é bastante visível. Com 50 anos de existência, o Grupo formou um conglomerado que emprega atualmente cerca de 3.000 funcionários, faturando anualmente US\$ 356 milhões, dos quais US\$ 82 milhões provêm de exportações.

Muito embora se tenha desfeito o CAI açucareiro no litoral de Santa Catarina, o Grupo USATI-PORTOBELLO continuou sua expansão capitalista, consolidando-

se em diferentes setores de atuação. No município de Tijucas, o Grupo detém as melhores áreas de terra. Sete anos transcorreram desde a extinção do CAI Açucareiro, e muitas possibilidades foram estudadas. Entretanto, desde que cessou a atividade canavieira em Tijucas, o Grupo mantém em suas unidades agrícolas apenas gado bovino de corte. Em 1995, seu plantel totalizava aproximadamente 3.000 cabeças, cuja produção abastece parte do mercado consumidor no litoral de Santa Catarina. Como diz um agricultor, “*se a Usina não tivesse comprado tanta terra, Tijucas poderia ter maior produção de arroz, feijão etc.*” O mesmo se pode afirmar sobre o fumo, que após a extinção dos canaviais se tornou o principal cultivo do município.

Para finalizar, é importante destacar que o Complexo Agroindustrial como unidade analítica histórica se constituiu em instrumento adequado para a compreensão dos processos de transformação sócio-espacial. Muito embora se tenha desfeito o CAI açucareiro no litoral catarinense, e particularmente no município de Tijucas, no Oeste, no Meio Oeste e no Litoral Central e Sul de Santa Catarina as vinculações da atividade agropecuária com os setores industriais permanecem fortalecidas. Naquelas áreas, os complexos de carnes, soja, leite e fumo ainda se constituem em “estilo e via” de desenvolvimento da agricultura, tornando-se um campo fértil de investigação para a ciência geográfica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELGADO, Guilherme da C. *Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985*. São Paulo: ICONE; UNICAMP, 1985.
- GRAMKOW, Marcia M. *O colono da cana: estudo sobre as unidades de produção familiar no Vale do Rio Tijucas*. Florianópolis, 1983, 118p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFSC.
- GRAZIANO NETO, Francisco. *Questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GRAZIANO DA SILVA, José (Coord.). *Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GROSSELLI, Renzo M. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras*. 1ª parte Santa Catarina 1875-1900. Trad. Solange Luques e Ciro Miorango. Florianópolis: UFSC, 1987.

- KAGEYAMA, Ângela et alii. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G.C., GASQUES, J.C. e VILA VERDE, C.M. (Org.). *Agricultura e políticas públicas*. Brasília: p. 113-223, Série IPEA, 1990.
- MÜLLER, Geraldo. Agricultura e industrialização do campo no Brasil. *Revista de Economia Política*. São Paulo: v. 212, n. 6, p. 47-77, abr./jun., 1982.
- \_\_\_\_\_. *Complexo agroindustrial e modernização agrária*. São Paulo: Hucitec; EDUC, 1989.
- PELUSO JR., Victor A. *Estudos de geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC; Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PIAZZA, Walter F. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.
- SANTA CATARINA (Estado). Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. *Atlas de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986.